

O português são dois... ou três?

Mary A. Kato

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KATO, MA. O português são dois... ou três?. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 93-108. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



O português são dois... ou três?¹

Mary A. KATO

Universidade Estadual de Campinas/ CNPq

Introdução

A partir do último verso do poema de Drummond “Aula de Português” – *O português são dois: o outro, mistério* –, Rosa Virgínia (2004, p. 129) concorda que o letrado tem que desaprender “a linguagem na ponta da língua tão fácil de falar e entender” para adquirir o “outro” e misterioso português, que vem das “gramáticas normativas”.

Meu objetivo aqui é discutir um problema gramatical que nos leva a considerar que o português são três, se levarmos em conta o Português Europeu (PE), e não apenas o Português Brasileiro (PB). O problema gramatical a ser discutido diz respeito à natureza do sujeito nulo em duas etapas da aquisição/aprendizagem do PB e em relação à variedade europeia do português.

O trabalho está organizado nas seguintes seções: na seção 1, discutiremos alguns trabalhos anteriores que atestam mudanças no PB; na seção 2, discutiremos, em mais detalhe, a mudança relativa ao sujeito nulo, os contextos de resistência à mudança e a interpretação dada ao sujeito nulo licenciado no PB; na seção 3, mostraremos dados de aquisição que revelam a natureza da gramática nuclear do PB e sua distinção em relação à gramática adquirida via escolarização. Na conclusão, compararemos o nulo adquirido sem instrução, o nulo adquirido via instrução no PB e o nulo da gramática nuclear do PE, mostrando que, com respeito ao sujeito nulo, o português são “três”.

1 Mudanças atestadas no Português Brasileiro (PB)

O PB vem sofrendo uma série de mudanças desde o século XIX, a saber, perda do sujeito nulo referencial, perda da inversão livre (VOS) e perda de subida longa do clítico, o que vem sendo interpretado como uma mudança de ordem paramétrica, ou mudança

¹ O trabalho contou com o suporte da bolsa de produtividade CNPq (3101219/2008-7) e do Projeto Temático FAPESP (2006/00965-2). Ideias semelhantes foram defendidas em Kato (no prelo). Agradeço a Telma Magalhães pela leitura cuidadosa da versão anterior.

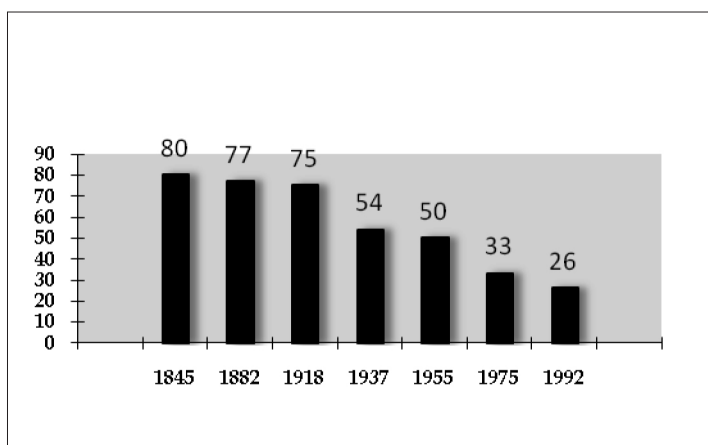
no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (TARALLO, 1993; DUARTE, 1995; KATO et alii, 2006, entre outros).

Assim, durante todo o século XIX, os sujeitos referenciais de primeira, segunda e terceira pessoas eram preferencialmente nulos (cf. DUARTE, 1993, 1995), como ilustram os sujeitos no exemplo em (1), estando seu preenchimento condicionado por ênfase ou contraste e pela existência de um referente não acessível sintaticamente, um procedimento comum nas línguas de sujeito nulo, por razões funcionais, como se vê em (2). A este tipo de língua, subjaz um princípio a que Chomsky (1981) se refere como “Evite Pronome”.

- (1) Quando ()_i te **vi** pela primeira vez, ()_i não **sabia** que ()_j **eras** viúva e rica. (1845)
- (2) ()_i Falei ontem com seu **tenente-coroné**_i e **ele**_i disse-me que ()_i havia de vir com sinhá Dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha. (1882)

Duarte mostra, em seus trabalhos quantitativos, que os sujeitos nulos são da ordem de 80% na primeira metade do século XIX, caindo para 26% no final do século XX (cf. Figura 1):

Figura 1: Sujeitos pronominais definidos nulos (vs expressos) ao longo de sete períodos (%) (apud Duarte 1993)

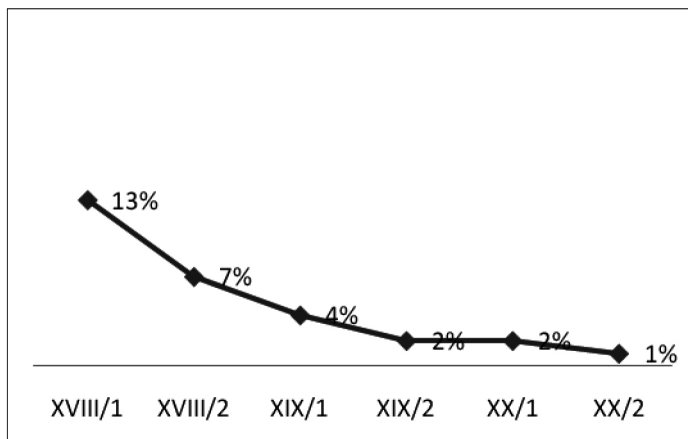


Além da mudança quantitativamente significativa dessa propriedade, o que é surpreendente são as mudanças correlacionadas, tais como a ordem sintática.

Assim, Berlinck (1995, 2000) e Kato et alii (2006) mostraram que o PB vem perdendo a inversão livre no mesmo período, com verbos transitivos exibindo uma perda quase categórica (cf. Figura 2):

- (3) a. Moram comigo dois dos meus filhos. (século XIX)
 b. Dois dos meus filhos moram comigo. (século XX)

Figura 2: VOS in declarative sentences with transitive verbs (*apud* Kato, Duarte, Cyrino, Berlinck, 2006)



Outra propriedade também atribuída ao Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. KAYNE, 1989) é a subida longa do clítico, que também mostra mudança, segundo Pagotto (1993) e Cyrino (1993):

- (4) a. João não **me** tinha cumprimentado. (século XIX)
 b. João não tinha **me** cumprimentado. (século XX)

Tabela 1: Posição do clítico na presença de Neg (adaptada de CYRINO, 1993, p. 169)

	NEG/CP cl « AUX » V	NEG/CP « AUX » cl V
1ª metade do séc. XVIII	100%	0%
1ª metade do séc. XIX	87,5%	12,5%
2ª metade do séc. XIX	90%	10%
2ª metade do séc. XXa	20%	80%
2ª metade do séc. XXb	0%	100%

Comparando as mudanças, verifica-se que elas ocorrem paralelamente, sugerindo uma mudança de ordem paramétrica:

Tabela 2: Mudanças paralelas desde o século XIX

PB	+Sujeito Nulo	VOS	+Subida do clítico
2ª metade do séc. XIX	80%	13%	100%
2ª metade do séc. XX	16%	1%	Ø%

Verifica-se que, enquanto a perda com relação à subida dos clíticos é categórica e a perda da ordem VOS é quase categórica, a perda do sujeito nulo revela contextos de resistência à mudança. Na seção seguinte, veremos quais são esses contextos.

2 Contextos de resistência do sujeito nulo no PB

A) Sujeitos nulos em sentenças raízes

Sujeitos nulos são ainda licenciados em forma de expletivo nulo em sentenças impessoais, embora haja uma variante com o locativo alçado para a posição inicial (cf. DUARTE; KATO, 2009):

- (5) a.. Ø chove em S.Paulo, Ø faz sol no Rio.
 b. São Paulo chove, Rio faz sol.

Enquanto o sujeito nulo referencial no PB foi se perdendo, começa a aparecer um tipo diferente de nulo com interpretação de referência indeterminada sem o clítico *se* (GALVES, 1987; NUNES, 1990):

- (6) a. Não Ø usa mais saia na universidade. (*vs* “Não se usa mais saia...”)
 b. Conserta sapato. (*vs* “Consertam-se sapatos.”)

As respostas mínimas são muitas vezes analisadas como sentenças com sujeito nulo (KATO; TARALLO, 1992), ou com tópico nulo, mas são, na verdade, instâncias de elipse de IP, depois que o verbo é movido para foco (cf. CYRINO; KATO, 2010):²

- (7) A: *(**Você**) comprou esse livro novo?
 B: Comprei.
 (100% nulo)
 B'. [_{FP} comprei]_{IP} [Eu t_I [_{VP} esse livro novo]]]

- (8) A: *(**Você**) tinha comprado esse livro novo?
 B: Tinha.
 B' [_{FP} Tinha [_{IP} Eu t_I [_{VP} comprado esse livro novo]]]]

B) Contextos de resistência em sentenças encaixadas

Sujeitos são opcionalmente nulos em sentenças encaixadas quando correferentes ao sujeito da matriz (FIGUEIREDO SILVA, 2000; MODESTO, 2000); FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004). Assim, enquanto o sujeito nulo na raiz não é possível em

² A mesma ideia é sustentada por Holmberg (2001) para o finlandês, mas com uma análise derivacional distinta.

(9a), ele se torna possível se a sentença é encaixada com um sujeito correferente na matriz (ex. (9b e c)):

- (9) a. * \emptyset tá doente. (Ela tá doente)
 b. A Ana_i disse que ela/ \emptyset _i tá doente.
 c. Você_i disse que cê/ \emptyset _i tá doente.

Segundo aqueles autores, não basta que o sujeito nulo tenha um antecedente na matriz. É necessário que este antecedente c-comande o nulo:

- (10) a. [O tio do [João_k]_i disse que \emptyset _{i/*k} tá doente.
 b. [O tio do [João_k]_i disse que ele_{i/k} tá doente.

Dadas essas restrições, o nulo das encaixadas no PB tem merecido inúmeras análises, tais como: (i) a de que é uma anáfora; (ii) a de que é uma variável; e, ainda, (iii) a de que é um vestígio de movimento.³ O problema dessas análises é que a restrição assumida é muito forte: a de que o antecedente tem que estar em posição de c-comando. Mas os dados empíricos mostram que o antecedente pode ser o objeto indireto da sentença matriz (ex. (11a e b)):

- (11) a. João perguntou à Maria_i se \emptyset _i queria café.
 b. A Maria pediu ao Pedro_i que \emptyset _i casasse com ele.

2.1 Pronomes plenos de uma língua de sujeito não nulo como o inglês (ING)

Se o PB está mudando de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito não nulo (-SN), o exame dos contextos em que o PB preenche o sujeito com pronome pode nos dizer se ele é efetivamente semelhante a uma língua de sujeito não nulo ou se ainda se assemelha ao PE, língua prototípica de sujeito nulo (+SN):

(12) John_i told Bill_k that he_{i/k/j} he was sick. Ing: -SN

(13) a. O João_i disse ao José_k que \emptyset _{i/k/j} estava doente PE: +SN
 b. O João_i disse ao José_k que **ele**_j está doente. PE : +SN

(14) a. O J_i disse ao José_j que **ele**_{i/j/k} está doente. PB =ING
 b. O J_i disse ao José que \emptyset _{i/*j/*K} está doente. PB≠PE

³ Figueiredo e Silva atribui ao nulo o estatuto de anáfora, Modesto propõe que o nulo é uma variável com o sujeito em posição A' no PB, e Ferreira e Rodrigues propõem que o nulo é um vestígio de movimento-A.

Utilizando-se apenas a distribuição/interpretação dos pronomes plenos, vê-se que o PB é igual ao inglês, uma língua [-SN].

No PB, os sujeitos nulos cobrem apenas um subconjunto dos nulos de uma língua de sujeito nulo.

2.2 Uma análise baseada em controle “generalizado”

Uma sentença com sujeito nulo na raiz, como em (15a), a seguir, é possível quando o sujeito é indefinido, mas que, ao ser encaixado, como em (15b ou c), o nulo passa a ser referencial, tendo por base o antecedente na matriz:⁴

- (15) a. \emptyset Conserta sapato.
b. O João_i disse que \emptyset_i conserta sapato.
c. O Pedro_i está perguntando ao João_k se \emptyset_k conserta sapato.

A leitura referencial correferente ao sujeito ou objeto da matriz é o que chamamos uma interpretação “controlada”, no caso de (15b), pelo sujeito e, no caso de (15c), pelo objeto.

A categoria PRO foi sempre associada a orações infinitivas e à noção de controle. Na teoria de controle generalizado (HUANG, 1998), estende-se PRO para orações finitas. É o que faremos aqui, seguindo a proposta de Kato (2000).

-Nulo arbitrário/genérico:

- (16) a. Conserta sapato.
b. [PRO_i [\emptyset_i conserta sapato]]

-Nulo controlado:

- (17) a. O Pedro_i prometeu que [PRO_i [\emptyset_i consertaria os sapatos]].
b. O Pedro_i está perguntando ao João_k [se [PRO_k [\emptyset_k conserta sapato]]

A teoria do controle generalizado não exclui, além disso, certas orações adjuntas com sujeito nulo, desde que haja uma relação de “controle”:

- (18) Eu_i encontrei o João quando PRO_i saía de casa.

⁴ A interpretação arbitrária só pode ser obtida se acrescentarmos um locativo à sentença encaixada:
(i) João_i disse que \emptyset_j conserta sapato lá na esquina.

2.3 Pronomes controlados como pronomes logofóricos

Uma noção importante e associada à noção de controle generalizado é a noção de pronomes “logofóricos”, usada aqui no sentido de Kuno (1972). Para este autor, o pronome sujeito de orações no **discurso indireto** é um pronome logofórico, porque, embora na terceira pessoa, ele se refere ao falante (*eu*) ou ouvinte (*você*) de um discurso direto, exceto quando o referente do discurso direto é uma terceira pessoa:

- (19) a. Pedro disse: “ **(Eu)** quero café.”
b. Pedro disse que **ele/Ø** queria café.
- (20) a. Pedro_i perguntou pro João_k: “**(Você)** quer café?”
b. Pedro perguntou ao João se **ele/ Ø** queria café
- (21) a. Pedro disse: “ ***(Ele)** quer café”
b. Pedro disse que ***(ele)** queria café.

Usando a teoria de Kuno, Kato (1976) propõe que o nulo no PB só pode ser nulo se o pronome sujeito do discurso direto puder ser nulo. Note-se que, no discurso direto, o sujeito da primeira ou segunda pessoa podem ser opcionalmente nulos. Da mesma forma, o que Kato propõe é que o pronome da encaixada no discurso indireto pode ser opcionalmente nulo. Já se o sujeito é uma terceira pessoa no discurso direto, o pronome referencial não pode ser nulo, donde também, no discurso indireto, o sujeito será obrigatoriamente expreso.

Sintaticamente, podemos dizer que pronome em situação de controle generalizado é um pronome logofórico, e, portanto, pode ser opcionalmente nulo no PB.

2.4 O reflexivo *jibun* do japonês é também um pronome logofórico

O reflexivo *jibun* do japonês vem intrigando linguistas por ser um item anafórico e por poder, todavia, ligar um antecedente além da sentença simples, ao contrário de outras línguas, em que o reflexivo tem que se ligar ao sujeito da própria oração. Minha proposta é que, além de ser um reflexivo, *jibun* é também um pronome logofórico:

- (22) a. Jun-wa **jibun-wo** kenashita.
Jun-top reflexivo-acus criticou
‘ O Jun se criticou’.
- b. Jun-wa [**jibu-ga** warui to] yuta
Jun-top reflexive-nomin culpado que falou
‘O Jun_i disse que ele_i era o culpado.’

O nulo do PB teria a mesma função do *jibun* em contexto logofórico:

(23) a. O Pedro_i disse [que [Ø_i conserta sapato]].

b. Peta-wa [**jibun**-ga kutso-o naosu] to yuta]

(24) a. [O Pedro_i está perguntando ao João_k [se Ø_k conserta sapato]]

b. [Peta_i-wa Jun_k-ni [[[**jibun**_k-ga kutsu-o naosu] ka] to kiite-iru]

2.5 Parâmetros como uma função de itens lexicais

Usando o fenômeno do *jibun* no japonês, Sportiche (1986) propõe que a variação paramétrica no domínio da teoria da ligação tem a ver com a lexicalização dos itens pronominais e anafóricos. Nem toda língua tem um item lexical para cada célula de lexicalização, havendo possibilidade de um item ocupar mais de uma célula, constituindo-se em um fenômeno de homonímia. Assim, enquanto o inglês tem homonímia entre o pronome referencial de terceira pessoa e a variável, que aqui estou substituindo por pronome logofórico,⁵ o japonês tem homonímia entre o item anafórico e o logofórico. O que para ele é sempre possível é homonímia entre itens horizontais ou verticais, sendo impossível, nas línguas universais, a homonímia na diagonal.

Tabela 3
(adaptada de SPORTICHE, 1986)

	c-command required	c-command not-required
+locality	<i>Anaphors</i> himself/ jibun	
-locality	<i>Logophoric pronouns</i> he/ jibun	<i>Referential pronouns</i> he/ kare

Aplicando a teoria de Sportiche ao PE e ao PB, temos:

A) Português Europeu

(25) João_i disse que Ø_{i/k} está cansado.

Se o nulo é coindexado a *João*, ele é logofórico; mas, se o nulo se refere a outra pessoa, é um pronome referencial. Logo, no PE, temos homonímia entre o logofórico e o referencial.

Uma vez que não há distinção entre a gramática da criança portuguesa antes e depois da escolarização, suponho que a tabela abaixo mostre não só a língua-I do português, mas também sua gramática nuclear.

⁵ Na verdade, Sportiche analisa os exemplos do *jibun* com antecedente quantificado, mas parece que o que ele diz para pronomes variáveis é também verdadeiro para pronome logofóricos.

Tabela 4: Gramática nuclear da criança portuguesa e a língua-I do adulto português

	c-command required	c-command not-required
+locality	<i>Anaphors</i> se	
-locality	<i>Logophoric pronouns</i> Ø	<i>Referential pronouns</i> Ø

B) Português Brasileiro

- (26) a. João_i disse que **ele**_k está cansado.
 b. João_i disse que **Ø**_i / **ele**_i está cansado.

Tabela 5: língua-I do adulto brasileiro

	c-command required	c-command not-required
+locality	<i>Anaphors</i> Se	
-locality	<i>Logophoric pronouns</i> Ø/ele	<i>Referential pronouns</i> ele

Vemos que, no caso do PB, o logofórico pode ser um pronome pleno ou nulo. Todavia, embora Sportiche preveja homonímia em sua teoria, ele não prevê “doublets”. Quem estuda esse tipo de fenômeno é Kroch (1994), analisando a variação encontrada na língua-I de adultos. O que veremos abaixo é como a criança brasileira chega a essa matriz ilustrada na Tabela 5.

3 Como a criança adquire uma língua como o PB com um “doublet” em uma das células?

3.1 Hipóteses

Para Radford (1990), a criança começa com pronomes fortes através dos quais ela aprende a semântica e a pragmática dos pronomes em geral, antes de adquirir os pronomes fracos, onde há parametrização.⁶ Em Kato (2001), mostrou-se que os pronomes

⁶ Veja-se que, no inglês e no francês, os pronomes fortes são os que aparecem primeiro na linguagem da criança (exemplos de Radford):

Him gone.

Vider la terre **moi**.

No PB, é mais difícil detectar o que é fraco ou forte, dada a homonímia entre fracos e fortes.

fracos são aprendidos junto com as flexões de pessoa, analisadas pela autora como um tipo de pronome fraco. Para ela, línguas com flexão pessoal (pronomes fracos afixais) são as chamadas línguas de sujeito nulo (cf. KATO, 1999). O chamado sujeito nulo nada mais seria do que sujeito afixal, não existindo a entidade do *pro*.⁷ A mudança que se operou no PB foi, dentro dessa concepção, a introdução de um novo paradigma de pronomes fracos, não afixais, em consequência do enfraquecimento do sistema flexional (GALVES, 1987, 1993)

Para Kato (1999), a definição do parâmetro do sujeito nulo depende da descoberta do tipo de pronome fraco de que a língua dispõe: livre ou preso. A criança de fala inglesa percebe que os pronomes fracos de sua língua são do tipo livre, enquanto a criança portuguesa percebe que nenhum pronome fraco é do tipo livre. Para os dois tipos de criança, atingir a gramática-meta não é tarefa difícil.

E a criança brasileira?

Para propormos uma resposta, partimos de algumas hipóteses teóricas:

- gramáticas nucleares não contêm “doublets”; isso significa que a gramática atingida sob seleção não deve exibir variação ou opcionalidade;
- se Lightfoot (1991) estiver certo, quem faz a mudança é a criança. Logo, a gramática nuclear deve conter uma única forma, a forma inovadora;
- se a gramática nuclear é obtida por seleção, ela é obtida antes da escolarização;
- a língua-I do adulto pode exibir variação (opcionalidade) se ele for exposto a uma segunda gramática.⁸

Segundo as nossas hipóteses, a gramática nuclear da criança brasileira seria, pois, o que está na Tabela 6:

Tabela 6: Gramática nuclear da criança brasileira

	c-command required	c-command not-required
+locality	<i>Anaphors</i> se ⁹	
-locality	<i>Logophoric pronouns</i> ele	<i>Referential pronouns</i> ele

7 A postulação de Chomsky (1995) de que sujeitos carregam traços-F interpretáveis e não o INFL tornou a concepção de *pro* identificado via INFL contraditória com a concepção geral de sujeitos.

8 Aqui entra, porém, a idade crítica em que tal aprendizagem se dá. Quase nunca um aprendiz de uma gramática como L2 consegue aprendê-la com a mesma fluência de um falante que a aprende como primeira gramática.

9 Na verdade, a anáfora também está passando por uma mudança, tornando-se nula em muitos casos, mas este fenômeno fica para um próximo estudo.

(i) Eu machuquei.

(ii) Ele suicidou.

3.2 Evidências

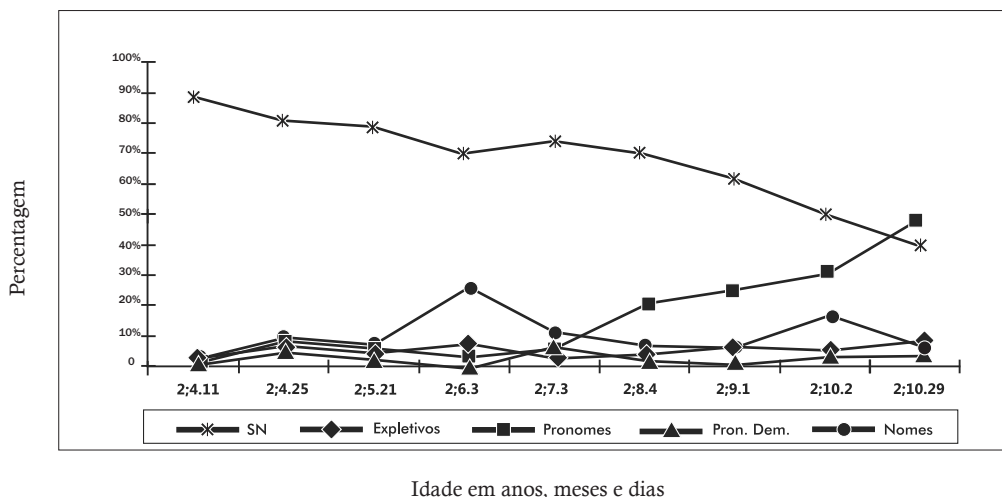
As evidências para a minha análise encontram-se em dois estudos de Magalhães:

(a) Magalhães (2006), no qual ela estuda a aquisição antes da escolarização e

(b) Magalhães (2000), no qual ela estuda a aquisição durante a escola fundamental.

Do estudo de Magalhães (2006), selecionamos uma criança Ana,¹⁰ de 2;4.11 a 2;10.29, cujos sujeitos nulos se encontram na Figura 3:

Figura 3: Tipos de sujeitos de Ana (BRA)



A Figura 3 mostra que o sujeito nulo, o mais frequente no início, vai de 88,4% para menos de 39,7%, enquanto o sujeito pronominal aumenta de 2,9% para 46,6%. Isso mostra que, com exceção de respostas curtas, imperativos e sujeitos indefinidos, a criança está a caminho de fixar a distribuição dos pronomes plenos de uma língua como o inglês, de sujeito não nulo:

(27) a. Adulto: Chega. Já limpou?

Criança: Pô.

b. Criança: Pega!

Criança: Pode comê banana?

Os resultados de Magalhães (2000) mostram maior evidência de que o nulo na encaixada, isto é, o logofórico, quase não existe nas crianças pré-escolares, enquanto ele cresce com a escolarização, passando a ser uma variante de quase igual frequência do pronome:

¹⁰ O outro sujeito é *Raquel*, cujos dados foram gravados há mais de 30 anos. *Ana* apresenta dados muito mais recentes da mudança, razão por que optamos por ela.

Tabela 7: Sujeitos pronominais e nulos em orações complementos
(*apud* MAGALHÃES, 2000)

	Pré-escola	3ª e 4ª séries	7ª/8ª séries
pronominal	97.89%	78.0%	50.38%
nulo	2.11%	22.0%	49.62%

Resumindo, a gramática nuclear do PB não contém nulos logofóricos, sendo eles adquiridos pelo indivíduo letrado através da escolarização.

Conclusão: as três gramáticas do português

A lingual-I do adulto consiste de uma gramática nuclear e uma “periferia marcada” (CHOMSKY, 1988)), onde aspectos aprendidos por instrução são armazenados. No caso do brasileiro escolarizado, enquanto o logofórico é um pronome na gramática nuclear, existe essa periferia marcada onde o nulo logofórico é licenciado.

O adulto escolarizado é, portanto, um tipo de bilíngue sequencial, no sentido de Meisel (2007), mas na sua própria língua, cuja competência lhe possibilita fazer alternância de códigos (*code-switching*) na sua própria língua entre a gramática 1 e a gramática 2, como no exemplo:

(28) O Pedro_i disse que **ele**_i conserta sapatos, mas ele_i disse que Ø_i não conserta botas.

Embora ele exista apenas na periferia do PB, o nulo logofórico é um objeto da GU, semelhante ao *jibun* do japonês, uma anáfora de longa distância. Pode-se dizer ainda que o nulo logofórico é um subconjunto dos nulos de uma língua de sujeito nulo prototípico como o PE.

Voltando à questão de Rosa Virgínia Mattos e Silva, podemos dizer que o português são três, se considerarmos o PE:

- a) o PE que tem o nulo logofórico e o nulo referencial (Ø-Ø);
- b) a gramática nuclear do PB, isto é, antes da escolarização, que tem o pronome logofórico e o pronome referencial (**ele-*ele***);
- c) a língua-I do adulto brasileiro escolarizado, que tem um “doublet” para o logofórico e um pronome referencial (**ele/Ø - *ele***).

A todos esses objetos chamamos “português”. Logo, o português são três, no que diz respeito a itens de ligação.

Referências

- BERLINCK, R. de A. (1995). *La position du sujet en Portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Doctoral Dissertation. Katholieke Universiteit Leuven, Leuven.
- BERLINCK, R. de A. (2000). Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 175-194.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. (1999). The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes. In: van RIEMSDIJK, Henk (Ed.). *Clitics in the languages of Europe*. Berlin/New York: Walter de Gruyter. p. 145-290.
- CHOMSKY, Noam (1986). *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- CHOMSKY, Noam (1988). *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1995). *The minimalist program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 163-184.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1993). Do pronome nulo ao sujeito pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2000). The loss of the “avoid pronoun” principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 17-36.
- FERREIRA, M. B. (2000). *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (2000). Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 75-104.
- GALVES, Charlotte (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaios linguísticos*, v. 13, p. 31-50.
- HOLMBERG, Anders (2001). The syntax of *yes* and *no* in Finnish. *Studia Linguistica*, v. 55, p. 141-175.
- HUANG, C. T. J. (1989). Pro-drop in Chinese: a generalized control theory. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. (Ed.) (1989). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer. p. 185-214.
- KATO, Mary A. (1976). A elisão do pronome sujeito em português e a hipótese do discurso direto de Kuno. In: *Atas do II Encontro Nacional de Linguística*, PUC, Rio de Janeiro.
- KATO, Mary A. (1994). A theory of null objects and the development of a Brazilian child grammar. In: TRACY, R.; LATTEY, E. (Ed.). *How tolerant is universal grammar?* Tübingen: Max Niemeyer Verlag. p. 125-153.
- KATO, Mary A. (1995). Gramática infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias funcionais? *Anais da 47a. Reunião da SBPC. Vol I: Conferências, simpósios e mesas-redondas*. São Luís: UFM. p. 177-184.
- KATO, Mary A. (1999). Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS*, (11)1, p. 1-37. Berlin: Mouton de Gruyter.

- KATO, Mary A. (2000). The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 223-258.
- KATO, Mary A. (2001). Nomes e pronomes na aquisição. *Letras de hoje* (125), Porto Alegre, v. 36/3, p. 101-112.
- KATO, Mary A. (2005) A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.). *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos (Universidade do Minho). p. 131-145.
- KATO, Mary A. (no prelo). Acquisition in the context of language change: the case of Brazilian Portuguese. In: RINKE, Esther; KUPISCH, Tanja (Ed.). *The development of grammar: language acquisition and diachronic change*, volume in honour of Jürgen M. Meisel, Hamburg Series on Multilingualism (HSM 11). Amsterdam: John Benjamins.
- KATO, Mary A.; TARALLO, Fernando (1992). Sim: respondendo afirmativamente em português. In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. (Ed.). *Linguística aplicada: da aplicação da linguística para uma linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC. p. 259-278.
- KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- KATO, Mary A.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CYRINO, Sônia Maria L.; BERLINCK, Rosane de A. (2006). Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. p. 413-438.
- KATO, Mary A.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2009). Indefinite subjects in Brazilian Portuguese, a topic and subject-prominent language. Trabalho apresentado no *Workshop de Gramática Formal*, Curitiba.
- KAYNE, R. (1989). Null subjects and clitic climbing. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (Ed.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer. p. 239-261.
- KROCH, Anthony (1994). Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (Ed.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: parasession on Variation and Linguistic Theory*, p. 180-201.
- KUNO, S. (1972). Pronominalization, reflexivization, and direct discourse. *Linguistic inquiry*, 3(2), p. 161-195.
- LIGHTFOOT, David (1991). *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Oxford: Blackwell.
- MAGALHÃES, Telma Moreira Vianna (2003). Aprendendo o sujeito nulo na escola. *Letras de hoje*, Porto Alegre, 36:1, p. 189-202.
- MAGALHÃES, Telma Moreira Vianna (2006). *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- MEISEL, J. (2007). Successive acquisition of languages: child second language acquisition in early childhood. Talk given at the State University of Campinas in the *Workshop on L2 Acquisition*.
- MODESTO, M. (2000). Null subjects without “rich” agreement. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana. p. 147-174.

- NUNES, Jairo (1990). *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.
- PAGGOTTO, Emílio (1993). Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 185-206.
- RADFORD, A. (1990). *Syntactic theory and the acquisition of English syntax*. Oxford: Blackwell.
- RIZZI, Luigi (1992). Early null subjects and root null subjects. *Geneva generative papers*, vol. 10, 1/2.
- ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (1993). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- RODRIGUES, C. (2004). *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. Ph.D. dissertation. University of Maryland.
- SPORTICHE, D. (1986). Zibun. *Linguistic inquiry*, v. 17, p. 369-374.

